

HUMANIZAÇÃO PELA ARTE E LITERATURA: IMPRESSIONISMO E HAIKAI EM EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS

HUMANIZATION THROUGH ART AND LITERATURE: IMPRESSIONISM AND HAIKU IN AESTHETIC EXPERIENCES

THIAGO LOURENÇO DA SILVA

Graduado em Letras da Universidade Estadual de Goiás
thiagosilvaeug@gmail.com

ALINE DE MELO FREITAS

Graduado em Letras da Universidade Estadual de Goiás
aline_mfreitass@hotmail.com

DÉBORA CRISTINA SANTOS E SILVA

Doutora em Letras e Docente da Universidade Estadual de Goiás
deboraphd@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta uma das oficinas de fruição e apreciação estética, realizada com ex-moradores de rua, internos do Centro de Triagem da Missão Vida, no âmbito do projeto de extensão “Ateliês Literários: oficinas de leitura e fruição de Literatura e Artes”, no município de Anápolis-GO. No desenvolvimento do projeto foram realizadas atividades de extensão que promoveram a relação entre Literatura e Artes, por meio de oficinas de leitura e produção artística, com base nos pressupostos da Educação Estética. Configurou-se como problema a seguinte questão: Quais as condições necessárias ao diálogo intercultural no âmbito do ensino de Literatura para a formação integral do sujeito na sociedade contemporânea? Assim, deu-se ênfase à formação da pessoa que se encontra em situação de acolhimento (ex-moradores de rua), tendo como enfoque o papel da Literatura em sua função educadora, ligada, portanto, à formação integral do indivíduo. Para isso, recorreu-se aos princípios da Educação Estética, de Friedrich Schiller (2002 [1795]), às reflexões de Northrop Frye (2017) e Tzvetan Todorov (2010) sobre o ensino de literatura. Na oficina aqui relatada, focalizou-se o impressionismo artístico e a produção poética do Haikai para promover momentos de fruição estética e produção de escrita criativa.

Palavras-chave: Educação estética. Literatura. Artes.

Abstract: This article presents one of the aesthetic enjoyment and appreciation workshops, carried out with former homeless people, inmates of the Missão Vida Triage Center, within the scope of the extension project “Literary Ateliês: workshops for reading and enjoyment of Literature and Arts”, in the municipality of Anápolis-GO. During the development of the project extension activities that promoted the relation between Literature and Arts, through reading and artistic production workshops, based on the presupposition of Aesthetic Education. The following question was configured as a problem: What are the necessary conditions for intercultural dialogue, within the scope of Literature teaching, for the integral formation of the subject in contemporary society? Thus, emphasis was placed on the formation of people who find themselves in a sheltered situation (former homeless people), focusing on the role of Literature in its educational function, linked, therefore, to the integral formation of the individual. To do this, we used the principles of Aesthetic Education, by Friedrich Schiller (2002 [1795]), the reflections of Northrop Frye (2017) and Tzvetan Todorov (2010) on the teaching of literature. In the workshop reported here, the focus was on artistic impressionism and the poetic production of Haiku to promote moments of aesthetic enjoyment and the production of creative writing.

Keywords: Aesthetic education. Literature. Arts.

Introdução

Este relato faz parte dos trabalhos de pesquisa e extensão, desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa ARGUS – Estudos de Cultura, Linguagem e Comportamento – coordenado pela professora Débora Cristina Santos e Silva, com ações extensionistas na execução do projeto “Ateliês Literários: oficinas de leitura e fruição de Literatura e Artes”, no centro de acolhimento de pessoas vulneráveis (Missão Vida de Anápolis).

Nesse projeto, têm sido ministradas oficinas quinzenais, com temas diversos em literatura e artes, ao longo do ano em curso, com a proposição de atividades criativas. Na oficina em questão sobre o tema "Impressionismo e Haikai em vivências estéticas", propusemos uma discussão sobre a disseminação da cultura literária e de novos meios de leitura entre o público-alvo e os acadêmicos, por meio de atividades de leitura e fruição estética.

Ressaltamos que os meios utilizados foram pensados de uma forma que despertasse o interesse e envolvesse todos os internos, mostrando como é possível a promoção de experiências de leitura e criação literária em ambientes formais e informais de ensino, fomentando o pensamento crítico e possibilitando a apreciação crítico-criativa da Literatura e da Arte, por meio da interatividade e da produção colaborativa dos participantes.

Impressionismo e haikai: impressões do instante e minimalismo

O impressionismo surge na segunda metade do século XIX, como um fenômeno inovador dentro das obras de arte, contrapondo-se à máquina fotográfica que, aparentemente, deixaria a pintura como algo obsoleto diante do realismo incomparável deste novo aparato tecnológico. Não aceito inicialmente pela Europa que, no momento, era palco de propostas lineares e acadêmicas como o Neoclassicismo, o Romantismo e o Realismo, o Impressionismo aparece como um desejo comum entre os intelectuais e artistas marginais, influenciados por Charles Baudelaire que advogava que os pintores da vida moderna tivessem um olhar inovador de infância (COLI, 1990).

Efetivamente, o movimento artístico do Impressionismo demonstra que as nuances da natureza são representadas por meio de pinzeladas soltas e cores vibrantes, capturando

momentos efêmeros e fugazes. Artistas como Claude Monet e Edouard Manet se destacam nesse estilo, em que a luz e a atmosfera desempenham um papel fundamental na composição das obras. Essas marcas estéticas foram percebidas pelo trabalho de fruição proposto.

O contexto político-social favorecia a vinculação entre a arte não acadêmica e a vanguarda engajada politicamente, de tal maneira que o desejo de mudança entre eles se traduzia em tentativas de reformulação pictórica. Assim, trabalhando as pinturas de paisagens ao ar livre, os artistas impressionistas se utilizam da nova liberdade artística, advinda da popularização da fotografia como recurso de reprodução de imagem, para trilhar novos caminhos dentro da arte (RAPOSO *et al.*, 1998/1999).

Assim, o Impressionismo rompe com o passado, expressando o que era iminente no moderno, libertando a sensação visual do artista na expressão da própria capacidade plástica e técnica do artista que procura na natureza o material pictórico. Inicialmente nomeado de maneira pejorativa, após a exposição do quadro de Claude Monet intitulado “Impression, soleil levant” (Impressão: o amanhecer), essa vertente artística teria que superar o entrave da necessidade de definir sua essência e finalidades, diante da ascensão de uma recente descoberta tecnológica: a fotografia. Diante deste contexto, diversos impressionistas se preocupavam mais com a sensação visual da obra diante da ebulação do mundo moderno, uma vez que, a partir das mudanças sociais, estes artistas indagavam sobre qual seria o caráter da arte e quais seriam suas possíveis funções dentro deste novo panorama, após a Segunda Revolução Industrial.

A resposta a esses questionamentos surge com a nova dinâmica social e política, dadas como cheias de agitação e turbulência, confusão psíquica e embriaguez, o que traria as possibilidades de experiências e destruição das barreiras morais e dos compromissos pessoais, sistematizando uma atmosfera que configura a sensibilidade moderna. É neste contexto que os impressionistas aventuram-se mundo a fora, a fim de captar as sensações postas nas cores e luminosidade do ambiente por meio de pinceladas aparentes, que trazem a primazia da percepção óptica sobre a técnica, valorizando a luz no momento da execução da obra, na qual observa-se um amálgama com as cores dos objetos, dando origem a composições de cores diversas captadas pelo artista que, ao fazer o quadro, modifica-o também com sua subjetividade, ou seja, pelo modo que este obteve de sensações por meio da percepção. Souza (2015) descreve essa reinvenção da pintura e da subjetividade por meio do impressionismo:

Com o advento da fotografia, os pintores da época reinventaram a pintura, e a grande novidade se deu pelas novas formas de se entender a cor e seu funcionamento. Estudando as teorias que estavam surgindo sobre o assunto, os artistas impressionistas decidiram que não mais teriam obras de imitação da natureza, e assim, começaram a pintar não somente o que viam, mas principalmente como viam a natureza (SOUZA, 2015, p. 57).

Paralelamente, na tradição literária japonesa, o Haikai¹ emerge como uma forma poética concisa, composta por três versos que capturam a essência de um momento, por vezes, ligado à natureza. Descrito, segundo o dicionário de termos literários, pelo professor e crítico literário, Massaud Moisés.

Nessa linha, Couchoud (2003) nos oferece uma descrição marcante sobre o Haikai, destacando sua particularidade de forma única:

[...] é uma poesia japonesa em três pequenas partes de frase, sendo a primeira de cinco sílabas, a segunda de sete, a terceira de cinco: dezessete sílabas ao todo. É o mais elementar dos gêneros poéticos. [...] Um haikai não é comparável nem a um dístico grego ou latino, nem a um quarteto francês. Não é tampouco um "pensamento", nem um "dito espirituoso", nem um provérbio, nem uma epígrafe no sentido moderno, nem uma epígrafe no sentido antigo, isto é, uma inscrição, mas um simples quadro em três pineladas, uma vinheta, um esboço, às vezes, um simples registro (touche), uma impressão (COUCHOUD, 2003, p. 25).

Os poemas breves de 17 sílabas tão característicos da cultura japonesa são organizados em três versos, sendo o primeiro composto de cinco sílabas, o segundo de sete e o terceiro de cinco. A poesia japonesa, notadamente o haikai, costuma ser desprovida de título e rima, destacando-se por sua estrutura descomplicada. Essa simplicidade que permeia não só a arte, mas também a cultura e a vida no Japão, está longe de representar uma limitação poética. Ao contrário, ela reflete uma profundidade tranquila e serena, em que o subjetivo ganha força. A mensagem, apesar de concisa, é rica em significado, desafiando o leitor a interpretar o que se esconde nas entrelinhas e no uso sutil das palavras.

É possível perceber, portanto, que o espírito do Haikai japonês, assim como o impressionismo, em sua origem, pretende captar como num efeito análogo ao da fotografia, o retrato de um momento fugaz, delicado e sutil. A percepção aguçada do poeta diante de algo

¹ Esclarecemos que, neste artigo, utilizaremos o termo 'Haikai' para nos referirmos à forma poética de origem japonesa, embora reconheçamos que a variação 'Haicai' também seja amplamente utilizada.

que está fora dele (muitas vezes encontrado no cotidiano e nas paisagens ao seu redor), em confluência com sua verdade interior, é o que possibilita a criação do poema no estilo japonês consagrado. Sem intelectualismo ou emoção exagerada, o Haikai desperta, no leitor, por meio da simplicidade, um desejo. Este deixa no que o lê, a vontade de preencher algo que estaria, permanentemente, “vazado”. Cabe então ao artista traduzir essas ânsias por meio da arte, seja pelos versos curtos ou de pinceladas rápidas, trazendo o acomodar dessas vontades em suas produções.

Dessa maneira, esta oficina foi proposta e concretizada com os homens da Triagem da Missão Vida, buscando trazer os participantes a educarem seus olhares aos ambientes, emoções, subjetividades e à simplicidade, expressando, analogamente ao Haikai e ao Impressionismo o que estes conseguem captar daquilo que está ao seu redor, colocando sob uma perspectiva que busca a simplicidade e ressignifica o “comum”. E esse é o efeito minimalista da Arte.

Literatura, missão vida e sociabilidade

A Literatura é capaz de transformar a realidade ao promover o encontro entre o indivíduo e o grupo, o que se torna ainda mais evidente em iniciativas sociais que visam à reabilitação de indivíduos em situação de vulnerabilidade, como os moradores de rua. Quando discutimos a utilização da literatura em ambientes como abrigos e centros de reintegração social, estamos discutindo algo que ultrapassa a simples leitura ou interpretação de textos. Estamos, na realidade, lidando com a capacidade da literatura de resgatar a dignidade humana, de incentivar a sociabilidade e de reorganizar o espaço das relações interpessoais.

Assim, Antonio Candido nos ensina que a literatura atende a uma necessidade vital do ser humano, a transposição da realidade: "assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado" (CANDIDO, 1989, p. 176). Afirma ainda que ela é "instrumento poderoso", rompendo, inclusive, com a sistematização curricular que tenta limitá-la, pois tanto absorve os valores socialmente aceitos, quanto aqueles que são proscritos: "a literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de viver dialeticamente os problemas" (CANDIDO, 2021, p. 177).

Partindo de fortes pressupostos, Cândido (1989) defende como os direitos humanos abrangem elementos essenciais como alimentação, moradia, vestuário, educação, saúde, liberdade individual, justiça, resistência à opressão, além de direitos como crença, opinião e lazer, garantindo tanto a sobrevivência física quanto a integridade espiritual. Ele também ressalta que a literatura é tão importante quanto outros meios de formação, como a educação formal e familiar. As sociedades criam suas próprias expressões literárias para reforçar suas crenças, sentimentos e normas, o que fortalece a coesão social. Destaca ainda que a literatura é um poderoso instrumento de educação, estando presente nos currículos escolares e influenciando valores sociais, seja apoiando ou criticando-os.

Neste texto, o teórico alerta para o papel formador da literatura, afirmando que ela não é uma experiência inofensiva, uma vez que a leitura pode sim moldar a personalidade, mas de forma complexa, sem seguir padrões convencionais, pois a literatura reflete a realidade em toda a sua diversidade. Ela não corrompe nem moraliza, mas humaniza, ao permitir que vivamos diversas realidades e compreendamos o mundo em que vivemos, assumindo posturas éticas.

Esta humanização envolve desenvolver características essenciais no ser humano, como a capacidade de reflexão, o senso de beleza, o entendimento da complexidade do mundo e das pessoas, e a disposição para com o outro. A literatura nos torna mais abertos e compreensivos em relação à vida e à sociedade, organizando nossos sentimentos e pensamentos e nos libertando do caos. Defende-se, portanto, que a luta por direitos humanos deve incluir o acesso à cultura em todos os níveis, incluindo a fruição da arte e da literatura. Para ele, uma sociedade verdadeiramente justa respeita os direitos humanos e garante que a arte e a literatura estejam acessíveis a todos como um direito inalienável.

A relevância da sociabilidade no contexto literário é inegável. Por sua própria natureza, a arte da literatura requer a troca, o diálogo e a interpretação compartilhada. Ao ser levada para centros de reabilitação social, ela se transforma em um canal de comunicação, um meio pelo qual indivíduos se reconhecem e repensam suas histórias pessoais. O fato de se ver refletido em uma narrativa literária pode ser uma maneira de se reconhecer e reconfigurar sua própria história. Nesse sentido, a literatura não apenas oferece um espaço de acolhimento, mas também proporciona uma forma de sociabilidade que incentiva o pertencimento a um grupo.

Interessante realçar aqui que o sentimento de pertencimento que a literatura proporciona é um dos seus efeitos mais poderosos. A identificação com histórias e personagens nos coloca em uma posição de reconhecimento de nossa própria humanidade, permitindo que nos vejamos refletidos em diferentes contextos. Isso nos lembra que, apesar dos desafios e dificuldades enfrentados, somos parte de uma narrativa mais ampla, que envolve a sociedade, a cultura e o tempo histórico em que estamos inseridos. A literatura nos humaniza ao oferecer essa conexão estética e sensível, mostrando que nossos dilemas individuais não são isolados, mas fazem parte da condição humana compartilhada. Assim, para Schiller (2002), "a educação estética é o único meio possível para completar a formação humana", em razão de ela despertar o potencial de cada um, permitindo uma formação ética e moral que ultrapassa os limites impostos pela simples instrução racional.

Se Schiller (2002) se mostra acertado em seu entusiasmo pelo belo e pela arte, que ele liga diretamente à felicidade e à política, a educação estética não viria a ser mera teorização, mas sim uma educação do olhar do indivíduo, onde a cultura deve pertencer ao ser humano, pois somente ela é capaz de preenchê-lo completamente. Ao se enobrecer por meio da cultura, o homem pode alcançar a plena liberdade, vivenciando o êxtase proporcionado pela experiência estética.

Em contrapartida, a necessidade material é um mal social que destrói sistematicamente os povos e sua liberdade. Ele acredita que a elevação ao mundo das ideias e da razão permitiria às pessoas se afastarem da realidade objetiva. Para isso, argumenta que é fundamental alcançar a harmonia entre as forças que compõem o caráter humano. A liberdade nasceria da cultura estética, que resulta da união entre o impulso objetivo e o impulso formal, ambos integrados na unidade das ideias. Essa união tem como base o "impulso do jogo" no homem, o que o leva a se tornar completo, unindo razão e sensibilidade.

Ao responder sobre o que pode a literatura, Todorov (2010) ratifica a importância da dimensão humana do texto no processo de formação do sujeito:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos de outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados com alma; porém, revelação do mundo, ela pode, também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. A literatura tem um papel vital a cumprir; mas por isso é preciso tomá-la no sentido

amplo e intenso que prevaleceu na Europa até fins do século XIX e que hoje é marginalizado, quando triunfa uma concepção absurdamente reduzida do literário. O leitor comum, que continua a procurar nas obras que lê aquilo que pode dar sentido à sua vida, tem razão contra professores, críticos e escritores que lhe dizem que a literatura só fala de si mesma ou que apenas pode ensinar o desespero. Se esse leitor não tivesse razão, a leitura estaria condenada a desaparecer num curto prazo (TODOROV, 2010, p. 76-77).

Ao se falar da organização do espaço nesse contexto, a literatura pode ser vista como um elemento que reconfigura tanto o espaço físico quanto o psicológico. O espaço onde essas atividades literárias são realizadas torna-se um espaço simbólico de reestruturação. Se, por um lado, a literatura consegue organizar o imaginário individual e coletivo, por outro, ela também é responsável por reorganizar o espaço social desses indivíduos, ao oferecer um ambiente de aprendizado e transformação. A leitura de um poema, um conto ou mesmo uma história de vida pode desencadear reflexões sobre a própria condição do indivíduo naquele espaço, abrindo caminhos para a superação de traumas, dependências e situações de vulnerabilidade.

No contexto da Missão Vida, um projeto dedicado à reabilitação de pessoas em situação de vulnerabilidade, como moradores em situação de rua, o conceito de humanização ganha uma relevância ainda maior. Nesta situação em que indivíduos buscam não apenas a integração à sociedade, mas também a restauração de sua própria dignidade e humanidade, a literatura se torna um recurso essencial para fomentar o progresso das características que comprovam o que há de mais importante no ser humano.

A Missão Vida trabalha com a recuperação de pessoas que, muitas vezes, enfrentaram uma trajetória de marginalização e abandono. Nesse sentido, a literatura desempenha um papel crucial no processo de reabilitação, ao estimular a reflexão, o aprendizado e o cultivo de emoções mais equilibradas e refinadas. Por meio de atividades literárias e de iniciativas como o sarau, a literatura é apresentada como uma ferramenta para facilitar a expressão pessoal, a troca de experiências e a construção de uma visão mais complexa e ampla do mundo.

Adicionalmente, nas palavras de Cândido (2021), o processo de humanização consiste em

[...] humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do

mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2021, p. 180).

Nos encontros realizados na Missão Vida, a leitura de obras literárias - sejam poemas, música, poesia - atua como um ponto de partida para discussões sobre temas como superação, solidariedade e a capacidade humana de transformar sua realidade. A literatura possibilita que esses indivíduos, muitas vezes marcados pela exclusão, resgatem a autoestima e redescubram seu papel na sociedade, por meio da compreensão de que fazem parte de uma narrativa coletiva.

Na Missão Vida, a literatura não é apenas um veículo para o entretenimento ou o aprendizado formal, mas um processo de humanização. Assim, para Todorov (2010), a literatura é um meio que nos permite interagir profundamente com os outros e com o mundo ao nosso redor:

A literatura nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano (TODOROV, 2010, p. 24).

No centro da teoria de Schiller (2017) está a ideia de que a arte e o belo têm uma função moral e social. Para ele, a experiência estética é mais do que prazer, é um meio de elevar o espírito humano e de fomentar a virtude. A beleza, segundo Schiller, é a manifestação sensível da liberdade, representando a união harmoniosa entre forma e conteúdo, entre necessidade e liberdade. Ela contribui para o afinamento das emoções, promove a empatia entre os internos e reforça a capacidade de compreender a complexidade da vida. Ao trazer histórias que espelham as dificuldades e as conquistas humanas, a literatura oferece um espaço seguro de reflexão e conexão, permitindo que os participantes não só se vejam como sujeitos da própria história, mas também como parte de uma comunidade em que a compreensão mútua e o apoio ao próximo são fundamentais.

Educação estética e a formação do homem: pelas lentes de Schiller

No contexto da Missão Vida, a filosofia de Friedrich Schiller sobre a evolução do homem em três estágios – físico, estético e moral – encontra relevância, ao refletirmos sobre o poder transformador da arte e da educação nas vidas daqueles que enfrentam situações de vulnerabilidade.

Consonantemente, Schiller (2002) salienta:

Podem-se distinguir três momentos ou estágios de desenvolvimento que tanto o homem isolado quanto a espécie têm de percorrer necessariamente e uma determinada ordem, caso devam preencher todo o círculo de sua destinação [...] No estado físico, o homem apenas sofre o poder da natureza, liberta-se deste poder no e o domínio no estado estético, e o domínio no estado moral (SCHILLER, 2002, p. 119).

O objetivo principal da obra, então, é argumentar que a Educação Estética é essencial para o cultivo da liberdade interior e exterior do homem. Schiller parte da premissa de que a natureza humana é composta por dois impulsos fundamentais: o impulso sensível (Stofftrieb), que nos liga ao mundo dos sentidos e das necessidades físicas, e o impulso formal (Formtrieb), que nos direciona para a ordem, a razão e a moralidade. Somos então apresentados ao impulso sensível. As cartas XXIV e XXV, Schiller (2002) descreve a evolução do homem em três estágios distintos: físico, estético e moral. No primeiro estágio, o homem encontra-se em um estado puramente passivo, imerso no mundo sensível. Esse mundo representa a esfera da experiência sensorial e física, onde o homem está submerso em suas percepções imediatas e na interação com o ambiente material. Schiller argumenta que a experiência estética tem um papel crucial na construção da sociedade. Na sua teorização, preconiza que a beleza, ao inspirar sentimentos nobres e ao promover a empatia, possui o papel de refinar as relações humanas e de contribuir para a edificação de uma comunidade mais justa e harmoniosa. A educação estética, portanto, não apenas enriquece o indivíduo em nível pessoal, mas também desempenha um papel vital na coesão social. Ao afirmar que "a arte é uma filha da liberdade e deve ser tratada como tal", Schiller (2002, p. 21-22) enfatiza a importância da liberdade criativa e da autonomia do indivíduo, princípios que devem ser cultivados por meio da educação estética.

A transição para estágios mais elevados de desenvolvimento, como o estético e o moral, exige que o homem transcenda a influência desse mundo sensível e busque uma harmonia

significativa com a realidade. Schiller (2002) afirma que o estágio estético é atingido pela contemplação da beleza, que permite ao homem desapegar-se do mundo sensível e estabelecer uma relação mais reflexiva e livre com o ambiente. Em outras palavras, essa contemplação inibe a voracidade imediata do homem (como no "homem selvagem" descrito na Carta IV), conduzindo-o a uma relação mais harmoniosa com o mundo ao seu redor (SCHILLER, 2002).

Nesse contexto, Schiller (2002) aponta que a beleza tem um papel crucial nesse processo, pois não apenas proporciona prazer estético, mas também suaviza a vida selvagem do homem, permitindo-lhe transcender as influências brutais da natureza e encontrar uma harmonia interior. A experiência da beleza ensina ao homem que a sensibilidade e a liberdade moral podem coexistir, abrindo caminho para a evolução de uma realidade comum a uma realidade estética e, finalmente, a uma realidade moral.

Na transição para o estágio moral, o homem se torna o legislador da natureza, capaz de julgar e dominar o mundo ao seu redor. A necessidade natural, que antes o dominava, agora é objeto de seu julgamento. O homem, que antes era escravo da natureza ao apenas senti-la, agora se torna seu legislador ao pensá-la. Schiller (2002) destaca que essa evolução do ser humano - do estado sensível (físico-material) ao estado estético (formal-racional) para atingir, finalmente, o estado político (ético-moral-cívico) - demonstra sua capacidade de transcender suas limitações e alcançar um estado de liberdade e harmonia com o universo (CARTA 24, p. 113).

Essa evolução permite que o homem reverta o seu sentido final, colocando-se a serviço de si, retirando a carga negativa que contamina a comunidade. Ao se distanciar dessa influência negativa, o homem encontra uma liberdade que não é apenas individual, mas compartilhada por todos os que, inspirados pela natureza, transformam essa inspiração em uma obra de arte.

Nesses termos, Schiller (2002) afirma que, se a formação dos sujeitos resulta numa determinada concepção de Estado como reunião desses indivíduos, o caráter que se dará à educação do povo definirá a própria ideia de humanidade:

Se o homem interior é uno consigo, ele salva sua especificidade mesmo na mais alta universalização de seu comportamento, e o Estado será apenas o intérprete de seu belo instinto, a fórmula mais nítida de sua legislação interna. Se, por outro lado, no caráter de um povo o homem subjetivo se opõe ainda contraditoriamente ao objetivo que apenas a opressão do primeiro permita a vitória do segundo, o Estado empunhará contra o cidadão o severo rigor da lei e deverá, para não ser sua vítima, espezinhar sem consideração uma individualidade tão hostil (SCHILLER, 2002, p. 29).

Schiller (2002) destaca a relevância da educação estética como um caminho que possibilita a transição do estado puramente sensível e material para um estado formal e moral. Por meio da beleza, é possível superar o estado sensível, atingir o estado estético pelo controle racional dos impulsos, e assim alcançar o estado político, que assegura a autonomia conquistada. Sobre a estética, nesse sentido, coloca Schiller (2002):

Por não proteger de modo exclusivo nenhuma das funções da humanidade, favorece todas sem exceção, e se não favorece nenhuma isoladamente é por ser a condição de possibilidade de todas elas. Todos os outros exercícios dão à mente uma aptidão particular e impõe-lhe, por isso, um limite particular; somente a estética conduz ao ilimitado (SCHILLER, 2002. p. 109).

Assim, o homem comum também é agente, ainda que quase inconsciente da beleza que o toma. Seu próprio corpo é uma exteriorização da beleza, uma obra de arte, como afirma Schiller (2002). No entanto, ao mergulhar nas massas humildes e brutais, ele perde seu valor estético. O prazer estético se dissolve em um mar revolto de consciências anormais, mas o autor sugere que seria benéfico para o homem conseguir extrair energia dessa tempestade, dignificando seu comportamento ao abraçar o "Terceiro Caráter". Para Schiller (2002), o terceiro caráter seria como um elemento libertador que surge da interação entre o impulso sensível (ligado às necessidades físicas e emocionais) e o impulso formal (ligado à razão, ordem e forma). O que Schiller vê como um caminho para a liberdade estética pode ser pensado, na nossa perspectiva, como uma síntese vital para a construção de um indivíduo mais pleno, cultivado, onde o equilíbrio entre as forças instintivas e racionais molda uma autonomia criativa e moral. Diante desta perspectiva Schilleriana, o terceiro caráter" não apenas equilibra as tensões entre os outros dois impulsos, mas também atua como um agente de criatividade e inovação, em que o jogo entre sensibilidade e racionalidade abre novas possibilidades de ser e agir no mundo. Assim, a educação estética se transforma em um processo contínuo de aprendizado e autorreflexão, no qual a liberdade estética não é um estado final, mas uma busca constante pela renovação da experiência humana.

Consonantemente, Schiller (2002) destaca:

Na mesma medida em que toma às sensações e aos afetos a influência dinâmica, ele os harmoniza com as ideias da razão, e na medida em que despe as leis da razão de seu constrangimento moral, ele as compatibiliza com o interesse dos sentidos (SCHILLER, 2002, p 75).

O homem deveria elevar-se do meio físico que o tenta escravizar, rumo ao estado lúdico em que ele se torna soberano e plenamente integrado. Ao desligar-se da realidade e não se submeter aos seus efeitos, ele conquista a liberdade pela arte, ascendendo a um Olimpo de Virtudes.

Apesar de as Cartas terem sido escritas em um período historicamente distante do nosso, a crítica Schilleriana soa-nos de maneira surpreendentemente atual:

Eternamente acorrentado a um pequeno fragmento do todo, o homem só pode formar-se enquanto fragmento; ouvindo eternamente o mesmo ruído monótono da roda que ele aciona, não desenvolve a harmonia do seu ser e, em lugar de imprimir a humanidade em sua natureza, torna-se mera reprodução de sua ocupação, de sua ciência (SCHILLER, 2002, p. 37).

Observa-se que, no contexto das oficinas literárias do Projeto de Extensão Ateliês Literários, esta educação se revela particularmente transformadora e humanizadora. Os participantes, homens com idades variando entre 25 e 60 anos, experienciam um processo que não apenas enriquece suas dimensões intelectuais e emocionais, mas também contribui para um aprimoramento mais amplo de suas capacidades. Dentro de um processo de reabilitação, os participantes do Projeto demonstram resultados alinhados com as teorias aqui fundamentadas, comprovando que a arte possui um estatuto normativo ideal que culmina as suas manifestações espirituais, numa oposição à matéria destruidora da liberdade.

Afrânio Coutinho (1987, p. 728), ao falar sobre literatura e como ensiná-la, nos mostra que a literatura não é só estética, mas uma arte. A arte da palavra. Na Missão Vida, a palavra e a enunciação alcançam profundamente cada homem presente, pois não levamos apenas o aspecto estético, mas também a arte e a expressão verbal. A presença dessas formas de expressão permite uma conexão mais intensa e significativa com os participantes, enriquecendo-os e humanizando-os.

Nesse sentido, na visão conceitual de Afrânio Coutinho (1987),

[...] a literatura é uma arte, a arte da palavra, isto é, produto da imaginação criadora, cujo meio específico é a palavra e cuja finalidade é despertar no leitor ouvinte o prazer estético e sua crítica deve obedecer a esses elementos intrínsecos (COUTINHO, 1987, p. 807).

O ambiente criado na Missão Vida promoveu o aprendizado e trocas de experiências, e revelou-se como um espaço enriquecedor tanto para os participantes quanto para nós, acadêmicos. As oficinas, projetadas antecendentemente e com sensibilidade e carinho, não apenas transmitem conhecimentos, mas estimulam um sentimento de acolhimento e conforto. Este espaço, portanto, assume um caráter terapêutico fundamental para o processo de desenvolvimento pessoal e coletivo dos internos. Assim, ao integrar as ideias de Schiller (2002), Coutinho (1987), Cândido (2021) e Todorov (2010), é possível perceber que as atividades desenvolvidas na Missão Vida não apenas educam, como também criam um espaço terapêutico e acolhedor. Esse ambiente, fundamentado em teorias que valorizam a arte, a literatura e a narrativa como agentes de transformação e integração, contribui para desenvolvimento emocional, social e imaginativo dos participantes.

Nas palavras de Frye:

A literatura, nesse sentido, coopera para compreender, sobretudo, aquilo que está dentro dos indivíduos e que, na maioria das vezes, não se tem acesso senão por uma linguagem articulada como a que as obras literárias apresentam. Vocês podem perguntar, então, qual é a utilidade de estudar um mundo de imaginação onde tudo é possível e tudo é admissível, onde não há certo e errado e onde todos os argumentos têm o mesmo valor. Uma das utilidades mais óbvias, penso eu, é o incentivo à tolerância: na imaginação, as nossas próprias crenças são simples possibilidades, e ainda enxergamos as possibilidades das crenças alheias [...] O que produz a tolerância é o poder do distanciamento imaginativo, que nos permite tirar as coisas do alcance da ação e da crença (FRYE, 2017, p. 68).

E também:

A literatura fala a linguagem da imaginação, e os estudos literários devem treinar e aprimorar a capacidade imaginativa. Mas usamos a imaginação o tempo todo: ela participa das nossas conversas, da nossa vida prática. [...]. Assim, só nos resta escolher entre uma imaginação mal treinada e uma imaginação bem treinada. [...] (FREYE, 2017, p.116).

Nesse sentido, a função da literatura é fornecer um modelo imaginativo que nos permite organizar nossa experiência e dar sentido ao mundo, sendo, pois, intrínseco ao ser humano. Ele destaca que a imaginação, atuando como mediadora entre as emoções e o intelecto, forma a base da vida social. A sensibilidade no uso das palavras e a libertação dos clichês são possíveis apenas para aqueles que fazem uso da imaginação. E, como a imaginação educada é essencial

para a vida em um contexto político, o estudo da literatura, que desenvolve essa habilidade, não se trata apenas de uma "realização refinada", mas de um caminho para participar de uma "sociedade livre".

Contextualizando mais uma vez o Projeto, os homens da Missão Vida são levados a não apenas trabalhar esse olhar dentro das oficinas, mas a colocá-lo em prática no cotidiano, tomando novos rumos e perspectivas, humanizando-se por meio da arte, do acesso possibilitado pelo Grupo Argus, rompendo o ostracismo e academicismo que envolve a esfera artística. Da mesma maneira, as artes em geral dispensam rígidas regras e teorias para sua fruição. Nota-se essa característica em Frye ao asseverar sobre a literatura:

Toda a sociedade, por mais primitiva que seja, possui a sua literatura e todas as obras literárias possuem sua origem nos mitos. Em outras palavras, "um mito é um esforço de imaginação simples e primitivo para identificar o mundo humano com o não humano, e seu resultado mais típico é uma história sobre um deus" (FRYE, 2017, p. 95).

Apesar de delimitar seu corpus de análise à Literatura, o estudioso destaca uma relação comum e fundamental entre todas as formas artísticas, enfatizando que todas as sociedades, independentemente do seu nível de desenvolvimento, têm algum tipo de produção literária/artística. Frye sugere que a origem dessas obras está no mito, que ele define como um esforço primitivo e imaginativo para conectar o mundo humano ao não humano. Em outras palavras, essas seriam as primeiras tentativas da humanidade de explicar e entender o mundo e dar significado à experiência humana.

Da mesma forma, Todorov (2010) critica a instrumentalização da literatura e das artes para objetivos meramente utilitários ou ideológicos. Ele defende que a educação estética deve preservar a autonomia da arte, valorizando sua capacidade de questionar e transformar a sociedade. Para Todorov, "a literatura é um espaço de resistência", onde o indivíduo pode desenvolver a reflexão crítica e moldar uma identidade autônoma. A educação estética é, para ele, essencial na formação de cidadãos livres e conscientes, capazes de se engajar em um diálogo crítico e ético com o mundo. Aborda a educação estética enfatizando a importância da experiência literária como um meio de compreender e dialogar com diferentes culturas. Ele argumenta que a literatura tem o poder de revelar a alteridade e fomentar a empatia, permitindo que os leitores se conectem com diversas perspectivas e realidades, pois, por meio da literatura,

o indivíduo pode se colocar no lugar do outro, desenvolvendo uma sensibilidade ética e uma consciência crítica.

Nesse sentido, Todorov (2002) afirma sobre o poder da literatura:

A literatura pode muito. Ela pode nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro. [...] a literatura é pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos (TODOROV, 2002, p. 77).

O trecho argumenta que a literatura tem um papel vital em transformar e enriquecer a vida humana. Em oposição ao niilismo, que nega a possibilidade de significado, essa visão da literatura defende que ela pode oferecer um sentido profundo à existência. O autor defende que a literatura tem o poder de conectar as pessoas, ajudar a entender o mundo e, ao mesmo tempo, transformar o indivíduo internamente. Assim, os desdobramentos da proposta de Schiller apontam para a necessidade de um ensino que vá além do tecnicismo e instrumentalismo, promovendo uma educação que forme cidadãos críticos, criativos e capazes de apreciar a complexidade da experiência humana, através do contato profundo com as artes e a literatura.

Nesse sentido, na Missão Vida, essa fruição é percebida por meio dos momentos práticos daquilo que é explanado. Os participantes são levados a dar significação àquilo exposto, trazendo suas vivências, percepções e sensibilidade à materialidade. Na oficina em análise, eles foram expostos aos fundamentos do Haikai e do Impressionismo via cartazes e acervos da pinacoteca pessoal da professora que encabeça o projeto, assim como intersecções entre eles e, posteriormente, foram orientados a trazer suas contribuições com a construção de Haikais com temáticas que eles pudessem se identificar, buscando o reconhecimento e, ao mesmo tempo, a transcendência pela Arte e pelo Belo, assim como afirma Schiller (2002):

Enquanto apenas meditamos sobre sua forma, ela é inerte, mera abstração; enquanto apenas sentimos sua vida, esta é baseada em uma mera impressão. Somente quando sua forma vive em nossa sensibilidade e sua vida se forma em nosso entendimento o homem é forma viva, e este será sempre o caso quando julgamos o belo (SCHILLER, 2002. p. 78).

A Educação Estética, ao cultivar o impulso lúdico, oferece uma solução para esse dilema. Ao educar as emoções e a sensibilidade por meio da Arte, e do Belo, o indivíduo aprende a harmonizar seus impulsos, desenvolvendo uma liberdade interior que se manifesta em sua capacidade de agir moralmente de forma autônoma. Por conseguinte, apesar dos monitores das oficinas serem dotados de teoria literária e artística, é levado em conta o contexto social de vulnerabilidade dos participantes do Projeto, dentro da casa de acolhimento, que, em sua maioria, possuem nível básico completo e incompleto. Portanto, se faz necessária uma maior didática ao lidar com temas essencialmente teóricos, como os abordados neste trabalho e os que envolvem a vertente do Impressionismo e o gênero literário Haikai. Quando se faz necessária determinada teoria, os monitores se certificam de adaptar a linguagem e conceitos à realidade dos integrantes ali alocados.

Por fim, ao relacionar as ideias de Cândido (2021), Schiller (2002), Coutinho (1987), Frye (2017) e Todorov (2010), observa-se que, embora cada autor destaque diferentes aspectos, todos convergem à valorização da educação estética como um pilar fundamental para a formação integral do ser humano. Schiller enfatiza a harmonia entre a razão e a sensibilidade, Frye sublinha o papel da imaginação no processo educativo, enquanto Todorov destaca a importância da alteridade e da ética na experiência literária. Juntas, essas abordagens proporcionam uma visão abrangente e profunda da educação estética, ressaltando seu potencial transformador tanto para o indivíduo quanto para a sociedade. A educação estética, portanto, emerge como um campo multidimensional que integra o desenvolvimento sensível, crítico e ético, preparando os indivíduos para uma vida mais plena e consciente.

A articulação entre os princípios da educação estética, conforme discutidos por Friedrich Schiller, Northrop Frye e Tzvetan Todorov, e as práticas desenvolvidas no projeto "Ateliês Literários: oficinas de leitura e fruição de Literatura e Artes" revela o papel essencial da literatura na formação e recuperação de indivíduos, especialmente em contextos de reabilitação social, como o dos ex-moradores de rua atendidos no Centro de Triagem da Missão Vida, em Anápolis.

Com base nos pressupostos de Schiller, as oficinas de leitura e fruição estética desenvolvidas no projeto, têm o potencial de harmonizar as faculdades racionais e sensíveis dos participantes, promovendo um desenvolvimento integral que ultrapassa a simples transmissão

de conhecimento. Ao engajá-los com obras literárias e experiências artísticas, as oficinas criam um espaço de liberdade criativa, fundamental para a reconfiguração da identidade pessoal e social dos internos. Schiller argumenta que a beleza e a arte têm o poder de refinar as relações humanas, e esse princípio se manifesta nas oficinas por meio da criação de um ambiente onde empatia e respeito mútuo são incentivados, contribuindo para o processo de reintegração social dos participantes.

A perspectiva de Northrop Frye sobre a relevância da imaginação fortalece o valor das oficinas, pois permite que os participantes transcendam suas realidades difíceis por meio da literatura. As atividades colaborativas e criativas realizadas nos Ateliês Literários proporcionam aos internos a chance de expandir suas imaginações, reorganizar suas experiências e atribuir novos significados às suas vidas. Isso é particularmente crucial em um contexto de reabilitação, no qual a capacidade de imaginar um futuro mais promissor é vital. Ao fomentar o desenvolvimento do pensamento crítico e criativo, as oficinas oferecem aos participantes ferramentas intelectuais que os capacitam a questionar suas circunstâncias e a se engajarem ativamente em seu próprio processo de transformação.

Por fim, a ênfase de Tzvetan Todorov, na alteridade e na ética na experiência literária, encontra ressonância nas oficinas do projeto que não apenas promovem a leitura e a fruição estética, mas também incentivam o diálogo intercultural e a compreensão empática. A literatura, ao expor os internos a diferentes perspectivas e histórias, funciona como um espelho e uma janela para o mundo, ajudando-os a reconstruir suas identidades e a reformular suas relações com a sociedade. Além disso, ao rejeitar a instrumentalização da literatura para fins puramente utilitários, as oficinas preservam a arte como um espaço de resistência e reflexão crítica, permitindo que os participantes redescubram sua humanidade e reconstruam sua dignidade.

Considerações finais

As oficinas dos Ateliês Literários demonstraram como a educação estética, fundamentada nas teorias de Schiller (2002), Frye (2017) e Todorov (2010), exerceu um papel transformador na vida de indivíduos em processo de reabilitação. A literatura, ao estimular a imaginação, fomentar a empatia e proporcionar um espaço para reflexão crítica, mostrou-se

uma ferramenta poderosa para a formação ética, cidadã e estética, contribuindo significativamente para a recuperação e reintegração social desses indivíduos. Isso permitiu a convergência no reconhecimento da importância da educação estética para o desenvolvimento pleno do ser humano, mesmo que cada teórico tenha explorado diferentes aspectos desse processo. Schiller (2002), por exemplo, enfatizou a busca pela harmonia entre a razão e a sensibilidade, destacando o equilíbrio essencial para a formação integral.

Essa dinâmica promoveu um ambiente de diálogo e introspecção, em que os participantes puderam compartilhar suas interpretações e confrontar suas realidades com as ficções literárias apresentadas.

A discussão dos textos literários tornou-se, assim, uma ferramenta poderosa para despertar a consciência crítica dos internos, incentivando-os a questionar suas escolhas, compreender suas circunstâncias e vislumbrar possibilidades de transformação pessoal e social.

Após as discussões, os internos foram estimulados a expressar seus dons criativos e sentimentos de maneira concreta, estabelecendo um canal de comunicação entre suas vivências internas e o mundo exterior. A escrita e o desenho tornaram-se, portanto, instrumentos terapêuticos que facilitaram o processo de recuperação, permitindo que os participantes processassem suas emoções, reconstruíssem suas identidades e visualizassem novas perspectivas para o futuro.

Assim, retornando à pergunta-problema que norteou esta pesquisa, podemos notar o poder da literatura. A literatura, enquanto expressão sensível da arte, transformou olhares e realidades. Mais do que palavras organizadas em uma estrutura formal, a literatura se mostrou um espaço de encontro, onde a experiência estética tocou a essência do humano, despertando emoções, memórias e reflexões profundas. Ao permitir que os participantes enxergassem o outro e a si mesmos com mais empatia, a literatura se tornou um caminho para o acolhimento e a reconstrução de histórias. Levar essa literatura para espaços como a Missão Vida ampliou suas possibilidades, oferecendo a quem mais precisava a chance de ressignificar sua própria trajetória por meio da beleza, da palavra e do afeto.

Essa abordagem criativa não apenas reforçou as reflexões geradas nas discussões literárias, mas também contribuiu para o desenvolvimento de habilidades expressivas e cognitivas, fundamentais para a reintegração social. Ao transformar suas reflexões em obras de

arte ou textos, os internos reconfiguraram suas narrativas pessoais, promovendo criticidade e um senso renovado de pertencimento, o que facilitou sua reconexão com a sociedade. Assim, as oficinas de leitura e discussão literária, seguidas pela expressão criativa dos internos, desempenharam um papel essencial no processo de recuperação, ajudando-os a ressignificar suas vidas e a encontrar um novo lugar na sociedade, seja por meio da escrita ou do desenho. Essa prática permitiu que os participantes externalizassem seus pensamentos e sentimentos, integrando o que foi discutido e vivenciado durante a oficina.

As oficinas de leitura e discussão de textos literários realizadas no projeto "Ateliês Literários" desempenharam um papel fundamental na promoção de reflexões críticas acerca do mundo e da situação vivenciada pelos internos do Centro de Triagem da Missão Vida, em Anápolis. Nessas atividades, os textos foram cuidadosamente selecionados pelos acadêmicos do Grupo de Estudos Argus, com o objetivo de abordar temas que dialogassem com as experiências dos participantes, permitindo que estes se identificassem com as narrativas literárias e refletissem sobre suas próprias trajetórias de vida.

Em conclusão, as oficinas complementam de maneira significativa o processo iniciado nas oficinas literárias. Nessas atividades, os internos tiveram a oportunidade de explorar suas expressões artísticas por meio do som, seja compondo, cantando ou tocando instrumentos. A música, com sua capacidade de evocar emoções e memórias, atuou como um canal adicional para que os participantes se conectassem consigo mesmos e com os outros. Além de promover a coesão do grupo, as atividades musicais estimularam a criatividade e a capacidade de expressão dos internos, permitindo que articulassem suas experiências e emoções de maneiras novas e significativas.

Referências

- CANDIDO, A. Direitos humanos e literatura. In: FESTER, A. C. R. (Org.) **Direitos humanos**. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 253-263.
- CANDIDO, A. **O direito à literatura**. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2021.
- COLI, J. Manet: o enigma do olhar. In: NOVAES, A. *et al.* **O olhar**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988. p. 225-245.

COUCHOUD, P. L. **Le haïkaï** - les épigrammes lyriques du Japon. Paris: La Table Ronde, 2003.

COUTINHO, A. **Crítica e teoria literária**. Rio de Janeiro: UFC, 1987.

FRYE, N. **A imaginação educada**. Campinas: Vide Editorial, 2017.

MOISÉS, M. **Dicionário de termos literários**. São Paulo: Cultrix, 1978.

RAPOSO; M. T. R; TIBAJI, A. O conceito de imitação na pintura Renascentista e Impressionista. **Metanoia**, São João del-Rei, n. 1, p. 43-50, 1998/1999.

SCHILLER, F. **A educação estética do homem**: numa série de cartas. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SOUZA, M. P. **As cores e suas possibilidades plásticas**. 2015. 72 f. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Artística) - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Universidade Estadual Paulista, Bauru, 2015.

TODOROV, T. **A literatura em perigo**. Rio de Janeiro: Difel, 2010.